



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

KARINA MARTINS DE SOUSA

**NOTÍCIAS SOBRE A DIMENSÃO LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(DF, 2019)**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

KARINA MARTINS DE SOUSA

**NOTÍCIAS SOBRE A DIMENSÃO LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(DF, 2019)**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dra. Etienne Baldez

BRASÍLIA

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

Martins de Sousa, Karina

NOTÍCIAS SOBRE A DIMENSÃO LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL (DF, 2019) /
Karina Martins de Sousa; orientador Etienne Baldez Louzada Barbosa. -- Brasília,
2019. 56 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Educação Infantil. 2. Brincar. 3. Correio Braziliense. I. Baldez Louzada Barbosa,
Etienne, orient. II. Título.

**NOTÍCIAS SOBRE A DIMENSÃO LÚDICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(DF, 2019)**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Etienne Baldez

Aprovado em:

Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – FE/UnB
Orientadora

Prof.^a. Dra. Lajara Janaina Lopes Correa – FE/UnB
Examinador ou Examinadora

Prof. Mestre Vinícius Silva de Souza – FE/UnB
Examinador ou Examinadora

Nome do outro professor ou professora
Suplente

*“Rodeadas por um mundo de gigantes,
as crianças, criam para si, brincando, o
pequeno mundo próprio.”*

Walter Benjamin

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me conduzido até aqui e a minha família, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e dando força para continuar. Também aos amigos, que torceram por mim.

Sou grata aos professores, que marcaram minha graduação de forma positiva. Agradeço a minha professora Etienne Baldez que, de primeira, aceitou me orientar, mesmo quando ainda tinha insegurança sobre o tema.

Agradeço a todos os que passaram e marcaram minha vida contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional de alguma forma. E a todas as instituições de Educação Infantil que me deram a oportunidade de experimentar de perto esse grande universo infantil.

RESUMO

O acompanhamento da legislação sobre a Educação Infantil (RCNEI, DCNEI, BNCC, Currículo em Movimento, DF) permite apontar que a dimensão lúdica (brincar – jogos, brinquedos, brincadeiras) é indicada para a primeira etapa da educação básica, ou seja, deve ser considerada na proposição da prática docente. Diante da orientação legal, o olhar se voltou para o jornal Correio Braziliense, que circula desde a inauguração da capital (1960), com o objetivo de analisar como o brincar comparece nas matérias publicadas. A hipótese é a de que, seguindo o panorama legal, as notícias privilegiariam o brincar relacionado à Educação Infantil. A pesquisa demonstrou que, na concepção desse jornal, os jogos educativos, a brincadeira, a ludicidade são aspectos importantes para o desenvolvimento da criança. Contudo, apresentam-se ainda poucas matérias disseminadas nas mídias de comunicação. Alguns autores contribuem na fundamentação teórica deste trabalho, como Kishimoto, Benjamin, Vygotsky e Brougère, que reforçam que a presença da dimensão lúdica na educação da criança pequena contribui indelevelmente para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social da criança. Em contrapartida, utilizou-se outros estudos científicos, disponibilizados na base da Anped, da Biblioteca Digital de TCCs/Monografias da UnB (BDM) e da Scielo. Resumidamente, é possível indicar que o brincar comparece neste trabalho como relevante para aquisição do conhecimento e construção de pensamento na infância. Deve ser valorizado por todos que fazem parte do universo da criança.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincar. Correio Braziliense.

ABSTRACT

A follow-up of the legislation on early childhood education (RCNEI,DCNEI,BNCC, Currículo em Movimento, DF) allows one to assert that the ludic dimension (the act of playing – with games and toys) is commended for the first stages of preschool, that is, it must be considered in the formulation of the teacher's actions. In face of legal considerations, the attention of this work is centered on the Correio Braziliense newspaper, which is issued daily since the foundation of the capital (1960), with the purpose of analyzing how the act of playing materializes in that newspaper's published articles. The hypothesis under consideration is that, in accordance with the legal framework, the newspaper articles would favor the act of playing linked to early childhood education. The research showed that, in that newspaper's conception, the educational games and the ludicity are important aspects for children's development. However, few articles are dedicated to that subject in mass media communications industry. A number of authors provide pivotal theoretical insight for this work, such as Kishimoto, Benjamin, Vygotsky and Brougère, all of which reinforce that the presence of the ludic dimension in children's education contributes indelibly for the cognitive, affective and social development of children. In addition, other scientific studies were employed as reference, which are available in the Anped database, in the digital library of monographies of UnB (BDM) and in Scielo. In summary, in this work it is possible to conclude that the act of playing arises in that newspaper as essential to the attainment of knowledge and to the thought building process in youth. It must be appreciated by all who are part of children's universe.

Keywords: Early Childhood Education. Playing Games. Correio Braziliense.

LISTA DE SIGLAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação

BCE – Biblioteca Central

BDM – Biblioteca Digital de Monografias

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEAN – Centro de Ensino Médio da Asa Norte

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

GAN – Ginásio da Asa Norte

HDBN – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MLPI – Marco Legal da Primeira Infância

PAS – Programa Avaliação Seriada

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	11
INTRODUÇÃO.....	16
1. A pertinência do brincar na educação infantil: uma concepção que se constrói e reconfigura.....	27
1.1. Brincando se desenvolve a criança: as abordagens teóricas.....	29
1.2. A dimensão lúdica nos documentos normatizadores.....	34
1.3. Educação Infantil como espaço do brincar	37
2. É consenso que o brincar comparece no Correio Braziliense.....	40
2.1. Brinquedos de ontem e de hoje: a importância de sua utilização.....	41
2.2. Alfabetizar e letrar com ludicidade.....	48
2.3. Brincadeiras são importantes.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54

MEMORIAL

Nasci em 23 de maio de 1994, no hospital Samaritano, em Goiânia – GO às 17h45min e logo depois, exatos cinco minutos, nasceu a Karolina, minha irmã. É difícil falar no singular sobre minha trajetória até aqui, pois, sempre estivemos juntas em tudo. Lembro-me que no jardim de infância usávamos umas plaquinhas com nossos nomes para saberem quem era quem, gostávamos das atividades escolares e aprendíamos rápido.

Em julho de 1999 passamos um período muito difícil em nossas vidas. Nossos pais tiveram que mudar de cidade, indo para Cavalcante de Goiás, cidadezinha do interior do nordeste goiano – região quilombola. Contudo, nossa estadia lá foi bem curta, ficamos apenas seis meses, pois não nos adaptamos aos novos ares, fazendo com que retornássemos em 2000 à terra natal, deixando nossos pais e passando a morar com nossos avós maternos.

Com cinco anos entramos na primeira série do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Solon Amaral, onde estudamos até a sexta série. Em 2006, aos onze anos, voltamos a morar com nossos pais, agora em Brasília, e tivemos novamente outro momento difícil em nossas vidas, que foi deixar nossos amigos de infância, nossos avós e primos próximos, para começar uma vida totalmente nova.

Começamos a sétima série no GAN (Ginásio da Asa Norte), localizado na 604. Foi nessa escola que fizemos nossa primeira amizade aqui e que dura até os dias atuais. Mesmo sendo uma escola pública como a anterior, sentimos muito a diferença de ensino entre as escolas, aqui tínhamos seis aulas por dia lá a gente tinha somente cinco aulas e uma vez na semana tínhamos seis, e todos os dias tínhamos que cantar o hino nacional em filas e os alunos que mudavam de salas nas trocas de aulas, tudo aqui era novo, talvez por termos vindo já nos anos finais do ensino fundamental sentimos uma certa dificuldade para nos adaptarmos ao ensino daqui. Não me recordo de ter aprendido algo com atividades lúdicas até o final do ensino fundamental.

Minhas memórias na educação infantil são poucas e as que me lembro não envolvem atividades específicas, eram casos isolados como, por exemplo, uma vez que a professora não permitiu que eu fosse ao banheiro fazer “xixi” junto com minha irmã, minha mãe teve que ir à escola reclamar com a

professora e dizer que não era invenção nossa para sairmos juntas da sala. Já fiz muito “xixi” em sala de aula porque os professores não me deixavam sair quando pedia.

Meu Ensino Médio também foi em uma escola pública, bem próxima a UnB, no CEAN (Centro de Ensino Médio da Asa Norte). Foi lá que despertei para a Universidade e fiquei sabendo que todo final do ano tinha uma prova, o PAS, que fazíamos ao longo dos três anos para tentar o ingresso na UnB.

Se no Ensino Fundamental já achava diferente a escola, no Ensino Médio só aumentaram as mudanças. No primeiro ano não consegui lidar com essa liberdade muito bem, no primeiro intervalo passava jogando vôlei e emendava até o final da aula, não reprovei por falta, mas por não conseguir entender muito bem as matérias de química, física e biologia. Foi então que, pela primeira vez, no ano seguinte não estive na mesma sala que minha irmã, porque ela estava no segundo ano e eu fazendo o primeiro ano novamente.

Depois desse “choque”, posso dizer que me tornei uma aluna mais esforçada e, mesmo assim, ainda passei com recuperação em química, e no segundo ano voltei a estudar na mesma sala que minha irmã, ela tinha reprovado o segundo ano. E assim, uma ajudando na dificuldade da outra, conseguimos concluir juntas o Ensino Médio.

Durante o Ensino Médio uma professora marcou muito minha vida eu a conheci no segundo ano, era de Sociologia. Fiquei muito encantada com ela, como ensinava, pensei seriamente em fazer Sociologia na faculdade, e queria ser uma professora igual a ela. Mariana Létti é o seu nome, acredito que foi a matéria que mais teve minha dedicação e interesse, ela conseguia fazer as aulas ficarem muito interessantes, trazia questões da nossa realidade para explicar os conteúdos, usava a rede social *twitter*, que estava na moda naquela época, para dar vídeos aulas e tirar dúvidas.

Depois do Ensino Médio fiquei três anos sem estudar e durante esses três anos, sempre que me inscrevia no vestibular, não tinha dinheiro para pagar a inscrição, mas em 2013 consegui um emprego em uma creche pública como monitora da sala e, no ano seguinte, tive dinheiro para pagar o vestibular.

Não sabia exatamente o que escolher, queria ser muitas coisas, ser professora, pediatra, geriatra e fazer letras espanhol, mas na hora de me inscrever escolhi Pedagogia. Lembrei que brincava com minha irmã e meus

primos de ser professora e por estar trabalhando em uma creche acredito que me ajudou a optar por Pedagogia.

Prestei o vestibular e passei na primeira chamada para Pedagogia, na Universidade de Brasília, em julho de 2014. Escolhi o turno noturno por trabalhar durante o dia. Fiquei um semestre assim, trabalhando durante o dia e estudando no período noturno. Torna-se um fardo muito pesado esta jornada dupla de trabalho e estudo, sobrecarregando o estudante para a conclusão do curso no prazo determinado ou estipulado, somando a isso, ainda tem poucas opções de matérias turno da noite.

Saí do trabalho e comecei a fazer estágio em outra creche durante a manhã e assim poderia pegar matérias no vespertino e no noturno. Comecei o curso bem empolgada, estava contente por saber que aprenderia sobre como ser uma boa professora, como ensinar as crianças pequenas, quais os métodos seriam e quais não são os mais adequados, para trabalhar em sala de aula. Até então Pedagogia para mim só existia para se trabalhar em escolas. No segundo semestre descobri um leque de opções onde poderia seguir carreira, caso não quisesse estar em sala de aula.

Poder observar o desenvolvimento de cada criança do começo do ano até o final sempre foi algo que gostei bastante, antes mesmo de entrar na Universidade. Nos estágios não obrigatórios sempre fui mais de observar e, por observar, não quero dizer que me recusava a fazer as tarefas que tinham que ser feitas, como cuidar das crianças, da higiene de cada uma, ajudar com as tarefas e atividades, mas não me via sendo a professora da sala.

Durante os semestres do curso fui perdendo aos poucos a empolgação, não lembro exatamente em qual período comecei a desanimar e a questionar se realmente era o que gostaria de fazer, pensava seriamente em largar o curso e descobrir outro que despertasse meu interesse de novo.

A gente do noturno encontra muita dificuldade para conseguir pegar as matérias optativas e às vezes obrigatórias e a maioria das matérias que consideramos interessantes para pegar são ofertadas somente no turno matutino, então a maioria que não consegue estar disponível o dia inteiro, termina o curso sem fazer essas matérias. Fora que colocam em nosso currículo matérias que não existem e essas matérias inexistentes estão inclusas nos 214 créditos que somos obrigados a ter para concluir o curso.

Ainda sobre os motivos que me fizeram perder o interesse no meu curso foi quando fui fazer o estágio obrigatório e percebi que não estou preparada para assumir uma sala de aula, percebi que é muita teoria que temos na Universidade e a maior parte não conseguimos encaixar na realidade de sala de aula. Com os estágios obrigatórios percebi que não estou preparada, não tenho confiança suficiente para assumir uma turma, principalmente para alfabetizar.

Meu primeiro estágio obrigatório foi com uma professora mais experiente, com mais tempo de ensino em turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, em maio de 2017. Ela era confiante e tinha seus métodos tradicionais de ensino. Em uma das minhas atividades de regência, lembro que fiz um bingo com palavras que eles já conheciam e com algumas que começavam com a letra “P” que era a letra que eles estavam aprendendo.

O segundo estágio obrigatório foi totalmente diferente do primeiro, com uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental também, que era recém-formada na UnB, tinha mais ou menos a mesma idade que eu. Esse estágio durou mais tempo por conta da minha grade horária, mais ou menos dois meses, entre outubro e novembro. Identifiquei-me muito com ela, compartilhávamos dos mesmos medos e incertezas em assumir uma turma de querer saber se estava ensinando da melhor forma, como colocar toda teoria que aprendemos na prática. E cada conquista que ela conseguia na sala com seus alunos, era como se fosse minha também.

Nesse segundo estágio fazíamos mais atividades práticas com as crianças, teve uma atividade que levei para sala que usamos as letras da palavra “Pernambuco” em tampinhas de garrafas para cada aluno formar o maior número de palavras que conseguissem. E cada aluno confeccionou suas próprias letras e colou nas tampinhas.

Em 2018, estava muito desanimada com o curso e tive um problema de família onde optei por me afastar de vez da universidade, tranquei o primeiro semestre e no segundo voltei pegando duas matérias porque a terceira era no vespertino e quando pedi para mudar para o noturno fiquei sem conseguir essa matéria.

Neste primeiro semestre de 2019, as disciplinas estão me direcionando a um novo despertar para minha vocação e de certa forma me animando de

novo com o curso, e me fazendo ter certeza sobre essa área que escolhi. Estou conhecendo colegas e professoras que estão me inspirando a ser uma profissional melhor para quando chegar a minha vez. Sempre quis fazer algo que pudesse mudar a vida de alguém, que pudesse marcar a vida de alguém, e quero fazer isso, ser uma pessoa inspiradora como as professoras e professores que tive e marcaram positivamente minha vida durante meu percurso escolar.

Para escolher escrever sobre este tema passei por vários projetos, como de economia solidária, educação ambiental, processos de alfabetização, e nenhum desses projetos me despertou verdadeiramente para fazer meu trabalho final de curso. Foi neste ano de 2019, fazendo algumas matérias onde se tem mais prática do que teoria, que me decidi por escolher atividades lúdicas na educação infantil, que foi onde me encontrei, onde pude perceber o real sentido e importância do brincar e da brincadeira no ensino e aprendizagem da criança.

Quando concluir este curso pretendo me aperfeiçoar, fazer uma pós-graduação em uma área onde eu possa aprofundar meus conhecimentos sobre este tema, e fazer também outros cursos como letras inglês e letras libras. Espero ser lembrada como uma professora inspiradora na vida de quem eu tiver o prazer de passar.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu da minha primeira experiência na área de Educação Infantil, como monitora do maternal, na creche conveniada Associação Cruz de Malta, na quadra 908, Asa Norte. Naquele momento, foi possível observar como o eixo interação e brincadeira era fundamental para o desenvolvimento das crianças. No entanto, a compreensão da pertinência do brincar como aporte teórico foi concretizado na Universidade de Brasília, no curso de Pedagogia. E é essa articulação entre interação e brincadeira, eixos norteadores das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e disposto na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se quer aqui compreender.

Como evidenciado em diversos estudos da área de Educação Infantil, toda brincadeira na primeira infância é um campo propício ao aprender e ensinar. Mesmo que ainda seja visto pelos pais e população em geral apenas como entretenimento ou passatempo, esta atividade é pedagogicamente carregada de funções que são essenciais para a formação social, física e emocional das crianças. Segundo Heloysa Dantas (2008) no livro “O brincar e suas teorias”, organizado por Kishimoto, “brincar é anterior a jogar, conduta social que supõe regras. Brincar é forma mais livre e individual, que designa as formas mais primitivas de exercício funcional, como a lalação.” (DANTAS, 2008, p.111).

Logo, podemos inferir que o brincar torna-se uma ferramenta pedagógica na cognição da criança e disponibiliza ao docente o campo para a observação de suas múltiplas inteligências e a interação socioemocional. Assim, podemos formar estratégias e métodos pedagógicos e fazer intervenções que ajudem no desenvolvimento da criança.

Sabendo que mesmo sendo o brincar uma atividade livre de regras, não quer dizer que as crianças não poderão inventar algumas regras de imediato para a tal brincadeira e mudá-las de acordo com o seu interesse. Para Froebel (1912) “o brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período – por ser a auto ativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos”. (FROEBEL, 1912, p.54-55 apud KISHIMOTO, 1998).

(...) A criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... Como sempre indicamos o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (FROEBEL, 1912, p.55apud KISHIMOTO, 1998, p.68).

É inevitável afirmar que o brincar perpassa na formação do caráter e no desenvolvimento físico do ser humano. Segundo Vygotsky (1989):

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituído uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem. (VYGOTSKY, 1989, p. 81).

Mesmo sem considerar todas essas afirmativas feitas por Vygotsky (1989) sobre o brincar, é possível concordar que o brincar possibilita o desenvolvimento das crianças e, mais do que isso, pode-se vê-las satisfeitas enquanto realizam essas atividades. Isso não quer dizer que o brincar seja o tempo todo prazeroso, sem tensões, sem conflitos. Como veremos ao longo deste trabalho, brincando a criança reelabora muitas ações e sentimentos.

Laurinda Ramalho de Almeida, em um estudo sobre algumas produções de Henri Wallon (1879-1962), pensador da educação, fala sobre a influência da emoção na vida da criança e afirma que: "(...) é pela emoção também que o recém-nascido tem sua primeira forma de ação sobre o Outro. Pela emoção, o indivíduo, antes de pertencer a si próprio, pertence ao seu meio." (ALMEIDA, 2014, p. 596).

As emoções, que inicialmente não são intencionais nem racionais nos bebês, porém, são geralmente influenciadas positivamente ou negativamente pelo ambiente em que estão inseridos. Ainda de acordo com os estudos sobre as produções de Wallon, Almeida (2014) explica que:

O conjunto afetivo engloba emoções que, por serem expressões corporais, visíveis, ativadas pelo fisiológico, são a expressão da afetividade; os sentimentos correspondem à expressão representacional da emoção, não implicam reações diretas e instantâneas como na emoção, e tendem a limitar sua potência; a paixão corresponde ao controle da emoção pelo intelecto em função de objetivos muito claros. (ALMEIDA, 2014 p. 597).

A emoção e a afetividade têm papéis fundamentais na relação com a personalidade da criança e é a partir as interações que ela tem com seu meio e o outro que a criança poderá experimentar/sentir todas essas sensações. Seguindo o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI):

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento conforme experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que lhe geram necessidades e desejos, e lhe exigem novas respostas. (DCNEI, 2013 p.86).

As diretrizes reforçam a concepção de que a criança, entendida como um sujeito histórico e de direitos, insere-se como todo o ser humano na complexidade das práticas, elaborando e experimentando o mundo. E nesse universo de possibilidades interativas com esse mundo, a dimensão lúdica (o brincar, as brincadeiras, os jogos, os brinquedos), ajudará no seu desenvolvimento psíquico, físico e social. Segundo Kishimoto (1997),

(...) O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. (KISHIMOTO, 1997, p.18).

Kishimoto (1997), entendendo o brinquedo como representações do mundo real na vida da criança, nos permite deduzir que nesse período a criança começa a formatar e ou projetar seus objetivos no mundo enquanto pessoa. É comum nessa idade as crianças imitarem os adultos, reproduzir os

feitos e falas dos pais e irmãos mais velhos. Assim, os objetos (brinquedos) juntamente com elas (crianças) formam um micromundo em que elas são as protagonistas, podendo criar, mudar, construir ou transformar as suas realidades dentro do campo real-imaginário. (KISHIMOTO, 1997).

Toda brincadeira na primeira infância é um campo propício ao aprender e ensinar. Partindo desse pressuposto é que aqui se atenta para a relevância do brincar na Educação Infantil, como sendo ferramenta indispensável para o ensino e aprendizagem das crianças. A questão do brincar na Educação Infantil tem comparecido em diferentes estudos da área, ao longo dos últimos anos. Um olhar sobre a última década, nos trabalhos apresentados no GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos), na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), revela a existência de oito estudos que se voltaram para a temática, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 1: Trabalhos publicados nas reuniões anuais da Anped.

TÍTULO	AUTOR(A)	REUNIÃO
Um estudo sobre o brincar infantil na formação de professores de crianças de 0 a 6 anos	Rosemary Lacerda Ramos	23ª Reunião 2000
A mediação de uma professora de educação infantil nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças ribeirinhas	Sônia Regina dos Santos Teixeira	35ª Reunião 2012
A relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas da Amazônia	Sônia Regina dos Santos Teixeira	36ª Reunião 2013
Entre meninos e meninas, lobos, carrinhos e bonecas: A brincadeira em um contexto da educação infantil	Regina Ingrid Bragagnolo Andrea Simões Rivero Zaira T. Wagner	36ª Reunião 2013
Tia, posso pegar um brinquedo? Ação das crianças no contexto da pedagogia do controle	Lenilda Cordeiro de Macêdo Adelaide Alves Dias	37ª Reunião 2015
Jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias móveis na educação infantil: o que as crianças têm a nos dizer?	Juliana Costa Muller	37ª Reunião 2015
O brincar e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil	Andréa Simões Rivero Eloísa Acires Candal Rocha	38ª Reunião 2017
O jogo protagonizado infantil como		

um ato artístico em sala de aula: uma abordagem vigotskiana	Francine Costa de Bom	38ª Reunião 2017
--	-----------------------	---------------------

Fonte: Anped, GT 07, de 2000 a 2017.

Todos os trabalhos selecionados no quadro acima têm afinidade com o tema escolhido nesta pesquisa e sua relação com a Educação Infantil, o brincar, o jogo e a criança. Rosemary Ramos (2000) desenvolve sua pesquisa de doutorado, com o propósito de analisar a prática de educadores do Ensino Fundamental e Educação Infantil acerca do brincar da criança quando, por meio dos resultados, busca verificar a importância de tais estudos nos cursos de formação de professores, na graduação em Pedagogia. Concluído sua pesquisa, a autora frisa sobre a importância dos professores saberem jogar, para assegurar atividades lúdicas em sala, reconhecendo assim o valor dos jogos lúdicos. Sendo assim, seria fundamental que, na formação dos adultos, eles pudessem considerar esse ponto, permitindo sentir o prazer do lúdico e tendo uma base teórica sólida que possa dar um suporte para ele durante sua atuação como docente, sabendo seu significado e mantendo presente essa ludicidade nas vivências escolar na vida das crianças. (RAMOS, 2000).

Já Lenilda Macêdo e Adelaide Dias (2015) têm como objetivo discutir a ação das crianças na Educação Infantil e problematizar o contexto das práticas pedagógicas e seus reflexos na produção de culturas infantis. Elas observaram duas turmas durante um ano. As autoras concluíram que a criança vem sendo criada para aprender a obedecer a regras, a como agir em público e isso acaba reprimindo a espontaneidade da criança, até mesmo daquelas que são mais desinibidas. Elas tratam da importância de deixar a criança ter a sua independência e concluem que a criança, mesmo que tenha normas para seguir em público, consegue criar suas próprias regras, inovar suas atitudes, para manter a relação entre seus pares e com os adultos. Por mais que queiramos dizer o tempo todo como se deve agir (não grita, não sobe, não pula, não corre, etc.), elas conseguem argumentar para defender seus desejos. (DIAS, MACÊDO, 2005).

As autoras Andréa Rivero e Eloísa Rocha (2017) buscaram analisar a constituição social das crianças, na Educação Infantil, em sua relação com o contexto familiar, nos espaços-tempos do brincar. As autoras concluem que as

crianças abrem mão de sua multiplicidade de saberes e criam novos enredos, misturando e combinando diversos elementos vindos de suas relações do contexto familiar e da Educação Infantil. Apontam que durante suas brincadeiras ocorria a troca cultural quando as crianças compartilhavam suas rotinas, regras, ordens sociais, significados e valores que as uniam e as identificavam como um grupo de pares. As autoras ainda afirmam a importância dos docentes observarem suas ações durante as brincadeiras, pois assim conseguem pistas de suas trajetórias coletivas e individuais conhecendo melhor cada criança, ampliando suas experiências a partir das relações que estabelecem entre pares, com os adultos e a cultura mais ampla. (RIVERO, ROCHA, 2017).

Por sua vez, Regina Bragagnolo, Andréa Rivero e Zaira Wagner (2013), tiveram como objetivo de investigação as brincadeiras das crianças no cotidiano de uma instituição de Educação Infantil pública, buscando romper com o “olhar panorâmico” e distanciado que comumente dirigimos o brincar. As autoras demonstram como o papel do professor mediador é importante para as brincadeiras das crianças, pois eles possibilitam cenários e enredos para elas brincarem ampliando seu repertório do brincar e dando um suporte material e imaterial. Muitas das vezes os professores brincam juntos e auxiliam na resolução de conflitos. Observaram também a necessidade das crianças de fazerem acordos, escolher e reorganizarem o ambiente organizado pelos professores para brincar. E durante as brincadeiras era possível ver as crianças relacionando suas experiências sociais e culturais. (BRAGAGNOLO, RIVERO, WAGNER, 2013).

Sônia Teixeira (2012-2013) apresenta dois trabalhos individuais em anos seguidos relacionado às crianças ribeirinhas, onde ela reforça em seus textos a necessidade de que sejam feitos mais estudos que evidenciem as crianças, suas experiências, seus saberes, suas atividades. Ela utiliza de um estudo mais voltado a Psicologia. A autora conclui que:

Não acredito que o problema da participação do professor nas brincadeiras seja intervir ou não intervir. O problema é como intervir. Se o (a) professor (a) intervém para ajudar a expandir os significados, fornecer modelos de soluções de conflitos, participar como um parceiro mais experiente, criar conflitos

para as crianças resolverem, por que não fazê-lo? (TEIXEIRA, 2012, p. 13).

Segundo Sônia Teixeira (2012), a forma da professora intervir na brincadeira não alterava o sentido dela, mas fazia a criança pensar e se questionar, colocando-se também no lugar do outro para auxiliar na resolução de conflitos. Assim, a professora pode participar das brincadeiras, mas sempre dando voz as crianças e sempre as respeitando como protagonistas de suas histórias. (TEIXEIRA, 2012).

O objetivo do trabalho da Francine Bom (2017) é refletir sobre o jogo protagonizado infantil como um ato artístico, a partir dos estudos de Vigotsky. Busca aprofundar o olhar sobre como as crianças produzem arte por meio dos jogos protagonizados. Chegando a conclusão que o jogo protagonizado na infância “é uma atividade humana repleta de catarses que orientam o comportamento pelas normas das relações sociais” e para que as crianças continuem fazendo parte do jogo é importante que os participantes utilizem o conteúdo que escolheram, dialogaram durante o jogo e assim podem nutrir e compor o jogo da melhor forma para elas. (BOM, 2017).

A autora Juliana MULLER (2015) usou um recorte de uma pesquisa de mestrado que buscou investigar a relação das crianças com as tecnologias móveis – laptop e tablet – na Educação Infantil e seu trabalho tem como objetivo problematizar os jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias na educação infantil, e perceber contribuição das tecnologias móveis para o modo de ser criança e vivenciar a infância na contemporaneidade. A autora conclui que usar a tecnologia na educação infantil não é somente para entreter as crianças, que a escola precisa de uma formação e mediação crítica, assegurando as crianças o direito de usufruir delas, já que é um dos espaços de interação para ter acesso a cultura. E por serem crianças esse acesso deve sempre ser mediado por um adulto. (MULLER, 2015).

Observa-se que, na maioria dos trabalhos, foram utilizados autores em comum, como referência para suas pesquisas; autores como G. Brougère, Vigotsky, Kishimoto, Luckesi, Piaget, W. Corsaro, W. Benjamin, González Rey, entre outros. A escolha pelo recorte dos últimos dez anos de reuniões anuais da Anped, para o mapeamento da questão do brincar na Educação

Infantil, vai de encontro com a Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, homologada pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Básica, nº 20, de 11/11/2009 e a publicação da Resolução nº 05, de 17/12/2009, que fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). A intenção foi identificar a circulação do temário, posterior à demarcação de que a proposta pedagógica nas instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo, entre outros processos de apropriação e articulação¹, a garantia “à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças”, tendo, portanto, dois eixos norteadores: a interação e a brincadeira. (BRASIL, DCNEI, art. 8º e 9º, 2009).

Mediante esse primeiro mapeamento sobre a importância do brincar na Educação Infantil, o foco se voltou para a forma como o tema tem sido direcionado e trabalhado no Distrito Federal. Uma rápida busca permite aferir que os esforços de discussão ainda são modestos, principalmente quanto à pesquisa. Quando se busca o termo ludicidade na Educação Infantil, o plano se abre, com discussões em diferentes áreas de conhecimento, tais como: Matemática, Ciências, Geografia, Psicologia, entre outras. Pesquisando no banco de Trabalhos de Conclusão de Curso da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília, foi possível encontrar seis estudos que se voltaram para o brincar e o lúdico na Educação Infantil e dez estudos, em diferentes segmentos da educação, também voltados para a ludicidade. Segue abaixo:

Quadro 2: Trabalhos finais de cursos da Universidade de Brasília

TÍTULO	AUTOR(A)	CURSO/ANO
A educação física como elemento estruturante do processo de escolarização na educação infantil	Teana Queiroz da Silva	Educação Física - 2014
Os jogos como instrumento lúdico no processo educativo nas séries iniciais – 1º ao 5º ano do ensino fundamental	Maria Idalina de Avelar Sousa	Pedagogia - 2014
Parâmetros fisiológicos de crianças que vivenciaram	Marília de Moraes Cunha	Enfermagem

¹ O artigo, na íntegra: A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, DCNEI, art. 8º).

intervenções lúdicas no ambiente hospitalar		- 2015
A contribuição do lúdico no combate à agressividade no momento do recreio	Cleide Aparecida Rosa da Costa	Pedagogia - 2015
Bilinguismo e ludicidade nos processos de ensino e aprendizagem de uma escola do DF	Ana Caroline Ribeiro da Silva	Pedagogia- 2016
Muito mais do que “brincar”: o lúdico como ferramenta de ensino/aprendizagem	Petrus Toscanelli	Pedagogia - 2016
A importância do lúdico no processo de ensino/aprendizagem: experiência com crianças	Ana Cristina da Silva Oliveira Torres	Pedagogia - 2016
Ludicidade: o trabalho pedagógico e o desenvolvimento da criança com paralisia cerebral	Rafaela Cristina Laurindo Silveira	Pedagogia - 2016
A ludicidade como mediadora dos processos de ensino e aprendizagem na alfabetização	Izabela Soares Abreu	Pedagogia - 2016
Aprendizagem lúdica em crianças hospitalizadas	Juliana Campos Tavares de Sousa	Pedagogia – 2016
A brincadeira protagonizada da criança pequena na Educação Infantil	Mara Carolina do Nascimento Andrade	Pedagogia - 2017
O papel do jogo no desenvolvimento da criança com transtorno do espectro do autismo (TEA) na educação infantil: revisão de literatura 2013-2017	Gideone Passos de Vlieger	Educação Física - 2017
O lúdico na educação infantil: o que abordam os trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia na UnB	Priscila Rodrigues Reis	Pedagogia - 2017
Jogos no ensino fundamental: um recurso pedagógico	Claudia Correia Cipriano	Pedagogia - 2017
Contação de histórias como elemento potencializador do desenvolvimento cognitivo da criança no processo de ensino/aprendizagem: lembranças de uma infância ludicamente marcada	Ricardo de Freitas	Artes Cênicas - 2017
O professor como mediador do lúdico no ensino da matemática	Fabiene Viera do Lago	Pedagogia - 2018

Fonte: Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília

A leitura dos trabalhos elencados permite perceber que a dimensão lúdica comparece relacionada à questão física (com a disciplina de Educação Física, com o trabalho com crianças com paralisia cerebral e em ambiente hospitalar) e às possibilidades de intervenção pedagógica (agressividade, alfabetização, autismo, matemática, paralisia cerebral, ensino e aprendizagem no geral). O destaque aqui fica para o estudo de Priscila Reis (2017), que demonstra como a ludicidade na Educação Infantil tem sido um tema bastante explorado pelos graduandos e graduandas em seus trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia, na UnB. (REIS, 2017).

No esforço de delimitação da presente pesquisa, a problematização que direcionou o estudo foi: que tipo de publicação periódica trata, no Distrito Federal, a questão do brincar na Educação Infantil? A hipótese inicial era de que a orientação oficial pode ser obtida por meio do documento Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil, de 2018. Para além desse documento norteador, localizou-se o jornal *Correio Braziliense*, como um periódico que publica artigos com temas relacionados à educação².

Diante disso, a questão que aqui se quer responder é: *como o brincar circula nas matérias publicadas pelo Correio Braziliense?* Nesse sentido, o objetivo geral é *analisar e compreender como o brincar aparece relacionado com a Educação Infantil no jornal Correio Braziliense*. Com o intuito de se alcançar o que aqui se propõe, subdividiu-se a intenção central em três objetivos específicos: 1. Identificar os estudos que têm se voltado para a dimensão lúdica no Distrito Federal. 2. Analisar as legislações voltadas para a Educação Infantil, de modo a compreender as indicações sobre o brincar. 3. Identificar o tema nas matérias publicadas no Correio Braziliense e analisar as concepções ali trabalhadas.

² Para além do jornal, localizou-se a revista Com Censo, que, conforme descrição em seu site: “A Revista Com Censo (RCC) é um periódico científico, de acesso livre, que adota o processo de avaliação por pares, fundado em 2014 e publicado trimestralmente desde 2016. O periódico é vinculado à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasil. A RCC convida autores a submeterem artigos que tratem de temas ligados aos campos da educação e pedagogia – em particular, estudos originais sobre temas relevantes no âmbito da educação pública; a administração e estrutura de sistemas educacionais; e o desenvolvimento de práticas e estratégias educacionais inovadoras. A revista também encoraja o uso de estatísticas educacionais, especialmente dos dados censitários relativos ao desenvolvimento de políticas públicas de educação no Distrito Federal”. (COM CENSO, 2019). Todavia, por ser um periódico ainda com pouca circulação nacional, seguindo a qualificação da Capes (Qualis B), optou-se aqui pelo jornal por sua circulação entre a população brasileira no geral, não só a acadêmica.

A delimitação temporal desta pesquisa é de 2000 a 2019. Metodologicamente, neste estudo de cunho bibliográfico e documental, o caminho percorrido se divide em três grandes empenhos. O primeiro se voltou para o levantamento do referencial bibliográfico que discute a questão do brincar na Educação Infantil e que tem sido citado pelos estudos brasileiros que se voltam para a temática. O segundo percurso foi o mapeamento da circulação do tema nas seguintes plataformas de pesquisa, por meio da leitura dos resumos: banco de teses da Capes, reuniões anuais da Anped, Scielo, Biblioteca Digital de TCCs/Monografias da UnB (BDM). Por fim, o terceiro percurso foi tomar o jornal *Correio Braziliense* como objeto e identificar os autores e artigos que abordam a questão do brincar na Educação Infantil.

Nesse sentido, este é um estudo qualitativo, que contempla uma pesquisa bibliográfica, uma vez que se volta para os resultados já publicados em outros estudos (artigos, TCCs, dissertações, teses) e documental, quando se trabalha com o jornal *Correio Braziliense*, aqui tomado como fonte primária, uma vez que não recebeu ainda o tratamento analítico. (PRAÇA, 2015).

Concluindo esse primeiro caminho de apresentação do presente trabalho, é pertinente informar a você, leitor, que ele se subdivide em dois capítulos: *A pertinência do brincar na Educação Infantil: uma concepção que se constrói e reconfigura*, cuja intenção é apresentar a discussão teórica sobre o brincar na Educação Infantil e os trabalhos brasileiros que têm se voltado para a temática, e *É consenso que o brincar comparece no Jornal Correio Braziliense?* cujo objetivo é identificar o tratamento dado ao tema pelo jornal, indicando os autores e seus lugares de pertença profissional.

1. A PERTINÊNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CONCEPÇÃO QUE SE CONSTRÓI E RECONFIGURA

O presente capítulo apresenta um panorama de estudos que se voltaram para a discussão da dimensão lúdica presente na Educação Infantil, que abarca o brincar, o jogo, as brincadeiras e os brinquedos. A princípio, pode-se identificar como sendo ações ou objetos uníssonos, todavia, autores que discutem a ludicidade durante a primeira etapa da Educação Básica, demonstram as semelhanças e diferenças entre as práticas relacionadas com o lúdico. Tizuko Kishimoto (1994) explica:

No Brasil, termos como jogo, brinquedo e brincadeira ainda são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo. Enfim, cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem. [...] Diferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. (KISHIMOTO, 1994, p. 17).

Em outro estudo, a autora demarca que não é tarefa fácil definir jogo, brincadeira e brinquedos. O jogo pode ser entendido por uma tríade explicativa: “o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras e um objeto”, contudo, “os três aspectos citados, permitem uma primeira compreensão do jogo, diferenciando significados atribuídos por culturas diferentes, pelas regras e objetos que o caracterizam”. (KISHIMOTO, 1997, p.17).

O brinquedo é definido como o objeto que pode ser manipulado pela criança, um artefato de representação, que pode levar à criança a evocar aspectos da realidade, reelaborando situações e permitindo, com isso, o desenvolvimento da criança. “O brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criador do objeto lúdico”. (KISHIMOTO, 1997, p.19).

O brinquedo, em contrapartida, não parece definido por uma função precisa: trata-se, antes de tudo, de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a princípios de utilização de outra natureza. Podemos, igualmente, destacar uma outra diferença entre o jogo e o

brinquedo. O brinquedo é um objeto infantil e falar do brinquedo para um adulto torna-se, sempre, um motivo de zombaria, de ligação com a infância. O jogo, ao contrário, pode ser destinado tanto à criança quanto ao adulto: ele não é restrito a uma faixa etária. Os objetos lúdicos dos adultos são chamados exclusivamente de jogos, definindo-se, assim, pela sua função lúdica. (BROUGÈRE, 2008, p.13).

O que o autor aborda no trecho anterior pode ser observado em vários momentos na sociedade. Por exemplo, os adultos quando possuem brinquedos que representam personagens (Homem Aranha, Darth Vader, etc.), os apresentam como “miniaturas para colecionadores”, ou seja, uma característica que pode tentar alçar aquele objeto a outro status. Esse tipo de explicação dada a um objeto a diferencia do universo infantil, pois deixá-lo no mesmo patamar daria motivo para que o adulto fosse taxado de “criança”, como se isso fosse algo depreciativo socialmente.

A brincadeira, por sua vez, amplia a utilização feita pela criança dos jogos e dos brinquedos. Como pontua Gilles Brougère (2008a), “o que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando seu uso habitual e os objetos que cercam a criança; além do mais, é uma atividade livre, que não pode ser delimitada”. (BROUGÈRE, 2008a, p.14).

Brougère (2008b) delimita a pertinência de se atentar para uma “cultura lúdica”, que se relaciona com o que entendemos como cultura que permeia a nossa sociedade. Na tentativa de caracterizar essa cultura lúdica, o autor demonstra que ela seria,

Antes de tudo, um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível; (...) composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira; (...) compreende estruturas de jogo que não se limitam às de jogos com regras. (...) Finalmente, a cultura lúdica compreende conteúdos mais precisos que vêm revestir essas estruturas gerais, sob a forma de um personagem (Superman ou qualquer outro) e produzem jogos particulares em função de interesses das crianças, das modas, da atualidade. A cultura lúdica se apodera de elementos da cultura do meio ambiente da criança para aclimatá-la ao jogo. (BROUGÈRE, 2008b, p.23 a 25).

A existência de uma cultura lúdica, como reforça ainda o autor citado anteriormente, está relacionada ao processo de socialização da criança, entretanto, “dizer que o jogo e a cultura lúdica contribuem para a socialização

nada significa, na medida em que se pode dizer o mesmo de todas as experiências da criança” (BROUGÈRE, 2008b, p.32). Deve-se atentar para a experiência lúdica como uma importante prática dentro do processo cultural no qual se insere a criança. Nesse sentido, é possível apontar que jogo, brincadeira, brinquedo, apesar de aspectos constituintes diferenciados, estão imbricados. E, ao tomar aqui a dimensão lúdica, considera que esta é uma condição *sinequa non* no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças que frequentam as instituições de Educação Infantil. Desta forma, este capítulo se divide em três partes: a primeira apresenta as abordagens sobre o brincar para o desenvolvimento infantil, depois aborda-se documentos legais que tratam da importância do brincar na primeira etapa da educação básica e, por fim, exibe-se a discussão da área de Educação Infantil brasileira sobre ser esta etapa um espaço de interação e brincadeira.

1.1. Brincando se desenvolve a criança: as abordagens teóricas

Fazer parte de um lugar onde a criança possa interagir com outras crianças e, ao mesmo tempo, com adultos, sendo estes mediadores de suas relações, é muito importante. Na Educação Infantil as crianças têm essa interação, trocam experiências, aprendizados, saberes, uma troca de cultura entre elas. Segundo Vygotsky (1989), pela interação social, a criança tem acesso aos modos de pensar e agir correntes em seu meio. (VYGOTSKY, 1989).

O papel do professor na Educação Infantil é incentivar os pequenos a se desenvolverem tanto na área cognitiva, quanto na motora, física e também na afetiva, pois em contato com outras crianças eles terão momentos prazerosos e frustrantes, e precisarão saber lidar com seus sentimentos e com seus conflitos. Podemos relacionar aqui o que Vygotsky (1989) escreve em seu livro *A formação social da mente*:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados,

esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. [...] Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VYGOTSKY, 1989, p. 101).

Durante as horas que as crianças passam nas instituições de educação infantil, o professor possibilita essa aprendizagem despertando vários processos internos de desenvolvimento importantes para seu crescimento e amadurecimento enquanto um ser criança em crescimento. O professor ou a professora pode instigar a criança por meio do lúdico, do brincar e da brincadeira. De acordo com Kishimoto (1997), o uso do brinquedo/jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Por meio dos jogos se dá a criança oportunidade de aprender de forma descontraída, contribuindo assim para seu desenvolvimento social, cognitivo, físico e afetivo, podemos observar também as particularidades de cada criança durante os jogos e brincadeiras. (KISHIMOTO, 1997, p.36).

(...) Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (KISHIMOTO, 1997; p.37)

Incentivar a imaginação é fundamental para a formação da criança. Como mediadores da Educação infantil é importante que professoras e professores possibilitem experiências onde seja possível ter essa troca de culturas, de explorar e deixar a imaginação fluir de forma espontânea, pois desta maneira a criança começa a conhecer, entender e perceber seus sentimentos, pensamentos, instintos desenvolvendo assim sua autonomia e sua própria personalidade. Em um artigo sobre “*As crianças que brincam são as mesmas que aprendem brincando*” de Alice Maria Medina (2018), é possível concordar que:

Desenvolver brincadeiras e jogos infantis para e com as crianças é fundamental, mas o que se observa é que algumas instituições acabam substituindo a brincadeira por tarefas cognitivas, sem considerar o processo de desenvolvimento, a capacidade e o interesse das crianças. (MEDINA, 2018 p.84).

Percebe-se que a imaginação na criança é afluída e moldada constantemente; seu corpo entra em transformação, seu cotidiano por muitas vezes também muda. Logo, não se deve focar somente nas capacidades cognitivas da criança, é necessário também explorar sua capacidade motora, criativa e imaginativa. Enquanto a criança brinca, seja com ou sem brinquedos, ela consegue fazer uma conexão entre o real e a fantasia intercalando os dois mundos expressando o que está em sua volta, suas vivências e experiências. Kishimoto (1997) nos dá esse exemplo:

Crianças que vivem em ambientes perigosos repetem suas experiências de perigo em suas brincadeiras. Por exemplo: no Brasil, crianças que vivem em favelas onde predomina a luta entre policiais e bandidos têm como tema preferido de suas brincadeiras esses conflitos. (KISHIMOTO, 1997 p.67).

A criança escolhe seus personagens, suas brincadeiras, de acordo com as situações vivenciadas em seu cotidiano, sejam elas experiências boas ou ruins. Pois elas vão utilizar a brincadeira muitas vezes para expressar suas emoções, ou aquilo que não podem ou conseguem dizer com clareza e o adulto ou mediador deve ficar atento a esses momentos de divertimento. A aprendizagem está ligada muitas vezes com a troca de conhecimentos, vivências com outras crianças e/ou adultos com cotidianos diferentes ao seu.

A passagem de um papel passivo para um papel ativo é o mecanismo básico de muitas atividades lúdicas. Reduz o efeito traumático de uma experiência recente e deixa o indivíduo melhor preparado para ser submetido novamente ao papel passivo, quando necessário. Isso explica, em grande parte, o efeito benéfico da brincadeira. (PELLER, 1971, apud. KISHIMOTO, 1997 p.68).

Quando a brincadeira envolve brinquedos, a criança o utiliza como considera melhor, da forma que satisfaça suas ideias. Nesse sentido, o brinquedo é apresentado à criança como parte pertencente a sua cultura e seu meio. Segundo Kishimoto (1997) o brinquedo tem grande importância no desenvolvimento, pois cria novas relações entre situações imaginárias e situações reais (KISHIMOTO, 1997, p.62). Nesse contexto, é importante reforçar que a aprendizagem vinculada com a ludicidade, o brincar, é um ciclo

em que a criança tem a prática vivenciada em sua relação com o outro e com o objeto. De acordo com Walter Benjamin (1984), a resposta da criança se dá através do brincar, através do uso do brinquedo, que pode enveredar para uma correção ou mudança de função. (BENJAMIN, 1984, p.14).

Para a criança aquele objeto, seja ele qual for, que para o adulto não tem mais função, ela usa sua criatividade para transformar em algo que torna sua brincadeira mais divertida. Benjamin (1984) diz que a criança também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora (BENJAMIN, 1984, p.14). Não muito difícil escutar que o adulto deu um presente para a criança e ela escolheu brincar com a caixa ao invés do brinquedo. A caixa vira um foguete, um carro, um lugar de pisque-esconde entre outras coisas mais.

A primeira infância é uma fase que envolve muitas descobertas em vários aspectos da vida de uma criança, elas estão se conhecendo e conhecendo o outro, o mundo ao seu redor. A todo instante elas estão absorvendo coisas que para nós adultos muitas das vezes passam despercebidas. Como Gisela Wajskop (2009) relata:

A criança desenvolve-se pela experiência social nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana por eles criada. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos alunos. (WASJKOP, 2009. p.25).

Como mediadores de experiências para a criança, ao trabalharmos com a Educação Infantil ou até mesmo quando temos um ser pequeno próximo, devemos sempre nos lembrar de sua inocência, sua pureza, que por termos anos de vidas a mais e muitas das vezes com mais experiências marcantes ruins do que boas, não precisamos fazer com a criança deixe de ver o mundo com seus olhos para ver a nossa realidade, muita das vezes difícil.

(...) Assim são os bem-intencionados, os esclarecidos. Mas conhecemos outros pedagogos cuja amargura não nos proporciona nem sequer curtos anos de “juventude”; sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da

vida. Ambos sobretudo subestimam, destroem nossos anos.
(BENJAMIN, 1984 p. 23).

Não é difícil encontrar esse modelo de profissional nas escolas, que não encorajam seus alunos e cortam suas asas. Querem que tudo seja padronizado ao seu modo, sem permitir que os alunos tenham oportunidades de ter experiências. De acordo com o Marco Legal da Primeira Infância³, olhar o mundo a partir do ponto de vista da criança pode revelar contradições e uma outra maneira de ver a realidade.(BRASIL, MARCO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA, 2016, p.137).

Nesse sentido, o(a) docente não pode ter o entendimento de que a criança não possa se desenvolver de forma intelectual ou motora por meio do brincar. Docentes muitas vezes lançam mão da ludicidade para alcançar determinados objetivos dentro dos campos de experiências trabalhados. Todavia, faz-se necessário problematizar o lançar mão somente dessa função da ludicidade, pois, no brincar, por exemplo, se consegue muito mais do que isso, uma vez que é nele que podemos observar como as crianças constroem culturas de pares e perceber as culturas infantis. (CORSARO, 2011).

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituído uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem. (VYGOTSKY, 1989, p. 81).

É necessário desvincular o brincar com um método utilizado sem intuito nenhum para o aprendizado da criança. Muitos colocam a ludicidade como uma forma de brincadeira sem fundamentos, somente para a recreação, sem nenhum intuito de abranger sua intelectualidade e tão somente sua interação com seus colegas. Isso pode ser dado como um ato de humanização, a afetividade em que a criança é inserida cria vínculos mais duradouros. Como resultado, a ludicidade, o brincar vem atrelado com um aumento significativo do

³ Aqui o Marco Legal da Primeira Infância comparece pontualmente, por entender que essa política ainda carece de problematizações e acompanhamento de estudos acadêmicos, o que impossibilita neste trabalho o esboço de suas proposições.

seu raciocínio, do julgamento de suas atividades e suas habilidades argumentativas.

O brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando a criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade. (OLIVEIRA, 2000, p 67).

Nesse ponto de vista, o lúdico é um importante recurso pedagógico para o aumento dos saberes dos educandos. É uma forma de estimular o aprendizado específico das crianças. Um meio muito valioso para o seu desenvolvimento seja ele cognitivo ou psicomotor. É de muito valor essa estratégia de envolvimento e crescimento da criança. Quanto maior e satisfatória essa experiência para criança, maior vai ser seu desenvolvimento.

1.2. A dimensão lúdica nos documentos normatizadores

A educação básica é composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O foco aqui é à base de tudo, que começa com a Educação Infantil, destacando o brincar e os momentos lúdicos livres ou direcionados a criança. De acordo com o art. 29º da Lei de Diretrizes e Bases: *“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (...)”* (BRASIL, LDB 9.394/96, art. 29º). Neste momento, é para a legislação que se volta a presente análise. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI):

O período de vida atendido pela Educação Infantil caracteriza-se por marcantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfinteriano, a formação da imaginação e da capacidade de

fazer de conta e de representar usando diferentes linguagens. (BRASIL, DCNEI, 2013. p.86).

Como é possível identificar, para além das aquisições físicas, as diretrizes demarcam a formação da imaginação da criança, da capacidade que ela tem de fazer de conta e de lidar com diferentes linguagens. Essas capacidades estão atreladas à existência de tempo para o exercício da dimensão lúdica, como apontado em outros momentos neste estudo. Ainda de acordo com as DCNEI (2013), a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. (BRASIL, DCNEI, 2013 p.86).

Compreender a criança realmente diante deste conceito implica em desenvolver uma prática docente totalmente voltada para o protagonismo infantil e não desconsiderando a criança no processo. Na Educação Infantil a criança tem a oportunidade de criar laços, se desenvolver e se descobrir individualmente e coletivamente, lidando com seus conflitos. Sendo parte de seus direitos terem acesso a primeira etapa da educação básica. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (RCNEI):

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 21).

A relação entre a ludicidade e o envolvimento com a criança na Educação Infantil deixa claro um aspecto interessante, um meio em que precisa ser mais estudado, investigado. Pode-se aprender bastante observando as relações das crianças com seus pares durante suas brincadeiras, como está reforçado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas

com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções”. (BRASIL, BNCC, 2017, p.37).

Dar espaços e oportunidades para as crianças aprenderem a lidar com conflitos do dia-a-dia é importante para seu crescimento e desenvolvimento, tanto pessoal como no coletivo. É necessário também que os mediadores se lembrem de que é preciso “(...) compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais.” (BRASIL, RCNEI, 1998, p.22).

O Marco Legal da Primeira Infância (MLPI) cita Thomas Armstrong (2008) quando ele “afirma que a genialidade da infância é demonstrada nos fatos do dia a dia, quando a criança demonstra traços de criatividade, diversão, curiosidade, espanto, sabedoria, alegria, vitalidade, sensibilidade, imaginação e humor”(BRASIL, MLPI, 2016, p.27).Conforme damos a chance da criança brincar, ela consegue vivenciar todas essas emoções e habilidades, que também são importantes para aprender a conviver em grupo.De acordo com o texto disposto no documento do Marco Legal da Primeira Infância (2016):

As crianças têm o direito de acesso a conhecimentos social e historicamente situados, a aprendizagens significativas, que lhes permitam aprender e desenvolver em processos relacionais com outras crianças e com diferentes adultos do contexto familiar, educacional e social. Tal afirmativa exige que compreendamos os contextos em que as crianças adquirem conhecimentos e se apropriam de novas culturas. (BRASIL, MLPI, 2016 p.137).

E as instituições de Educação Infantil têm que oferecer oportunidades para que isso ocorra. Na maioria das vezes esses conhecimentos são trocados por meio do brincar também fornecidos através de brincadeiras lúdicas nas instituições. Vale ressaltar que a ludicidade também vem manifestada através da Lei Nº 8.069/1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências:

O direito á liberdade compreende os seguintes aspectos: Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; opinião e expressão; brincar, praticar esportes e divertir-se; participar da vida política, na

forma da lei; Buscar refúgio, auxílio e orientação. (BRASIL, LEI 8.069/1990, art. 16º).

Essa lei nos mostra que a função de incentivar a aprendizagem, conhecimentos e trocas, não é somente obrigação das instituições de Educação Infantil, como também da família e do Estado.

1.3. Educação Infantil como espaço do brincar

A criança no seu desenvolvimento natural e/ou nas instituições de ensino formal tem na brincadeira uma importante aliada para o seu desenvolvimento e formação social. Nessas instituições, a criança convive com outras pessoas que tem desejos, vontades, pensamentos, habitualmente diferentes do seu e, por meio do brincar, ela pode aprender a lidar com tudo isso que desperta sentimentos que talvez ela ainda não saiba lidar. Nessas horas de conflitos, geralmente o professor intervém quando percebe que, sozinha, a criança não irá conseguir solucionar o impasse que se teve durante o brincar. Sônia Regina Teixeira (2012) defende essa intervenção do professor na brincadeira das crianças, frisando dois pontos, o de quem é a favor e o de quem é contra:

Entendo a preocupação de alguns autores que defendem a não intervenção do (a) professor (a) da educação infantil nas brincadeiras. Eles assim o fazem, em grande medida, como reação aos excessos diretivos dos professores, o que é perfeitamente compreensível. Porém, se é verdade que alguns professores intervêm nas brincadeiras por meio de orientações rígidas e diretivas, é verdade também que existam outras formas de atuar que não sejam invasivas ou destrutivas, mas construtivas e enriquecedoras das brincadeiras infantis. (TEIXEIRA, 2012, p.14).

Outro ponto que nos ajuda a pensar sobre essa questão do intervir ou não de acordo com a autora do artigo é:

(...) Não acredito que o problema da participação do professor nas brincadeiras seja intervir ou não intervir. O problema é como intervir. Se o (a) professor (a) intervém para ajudar a expandir os significados, fornecer modelos de soluções de conflitos, participar como um parceiro mais experiente, criar

conflitos para as crianças resolverem, por que não fazê-lo? (TEIXEIRA, 2012, p.13).

Essas intervenções podem ensinar as crianças a verem de outro ponto de vista a solução de algo que naquele momento ela não conseguia ver, resolvendo seu conflito. Essa participação do professor colabora com o aprendizado, fazendo com o que as crianças se questionem sobre determinados assuntos levando a pensar mais possibilidades para resolverem seus conflitos durante as brincadeiras. Esse momento do brincar na Educação Infantil é muito importante, como já vem aqui sendo abordado no diálogo com outros estudos e legislação.

A brincadeira entre as crianças, quando observada atentamente, nos possibilita perceber as peculiaridades de cada criança, conhecer mais sobre o contexto social e cultural que ela vive, suas dificuldades de interação, como se relaciona e cria regras ou cede a argumentos, entre outras ações importantes para o seu desenvolvimento pleno. Em outro artigo apresentado durante a Anped, um trio também defende a intervenção do professor como mediador durante os momentos do brincar, tanto livres como direcionados, em observações feitas em uma instituição de Educação Infantil:

As professoras do grupo organizavam os espaços da sala de um modo que contribuía significativamente para o surgimento e prolongamento da brincadeira. Suportes materiais diversos estavam ao alcance das crianças, organizados de um modo que possibilitava às crianças fazerem suas escolhas. Os suportes imateriais também eram propostos visando à ampliação dos repertórios literários, musicais, imagéticos, etc. (BRAGAGNOLO, RIVERO, WAGNER. 2013. p. 16).

O papel do professor é propor situações e fazer contribuições para expandir o repertório do brincar de seus alunos, compreendo assim a importância do brincar para o desenvolvimento coletivo e individual de cada um. Para isso, é necessário também que as instituições tenham espaços que possam proporcionar às crianças esses momentos de brincar, onde elas irão usar de sua criatividade, sua cultura e seu contexto social para adaptar suas brincadeiras da melhor forma para elas. Ana Cristina Torres (2016) defende em seu trabalho de conclusão de curso que: “a escola não basta apenas ter como

visão central a formação dos seus alunos no âmbito profissional, mas formá-los para obterem a capacidade de aprender a aprender, onde o processo educacional é contínuo e permanente.” (TORRES, 2016, p.22). Entendemos com isso que é preciso fornecer espaços onde a criança possa se sentir livre e instigada a comprovar suas hipóteses, explorar suas idéias e descobrir o novo.

Em outra parte do seu estudo, Torres (2016) escreve que é dever das instituições educativas e das escolas igualmente que “(...) é necessário que o ambiente escolar proporcione vivências marcantes e significativas na vida deles, e essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento social das crianças.” (Torres, 2016 p. 23). O brincar livre sem intervenções sendo espontâneo da criança do mesmo modo nos serve de experiência. Mara Carolina Andrade (2017) conclui:

Observar as crianças brincando livremente nos mostra o quanto elas sabem da vida, como elas expressam as suas experiências no simples gesto de brincar. Por isso a importância de incentivar a brincadeira livre para as crianças, pois nelas elas organizam seus pensamentos, criam as suas próprias regras, lidam com diferentes papéis e suas interpretações, crescem e amadurecem as suas ações. (ANDRADE, 2017. p. 43).

Todos esses estudos reforçam o extremo valor do brincar na Educação Infantil e a necessidade de se ter espaços para exercê-lo, de se ter profissionais que compreendam a importância do seu papel como mediador e educador na vida de cada criança ali presente. E é essencial fazer outras pessoas (como a família e a sociedade no geral) entenderem que o brincar não é algo aleatório, sem fundamento ou algo de pura distração para se fazer depois de alguma coisa.

2. É CONSENSO QUE O BRINCAR COMPARECE NO CORREIO BRAZILIENSE?

Este capítulo inicia com um questionamento sobre algo que pode ser naturalizado quando lido: o brincar. A prática comparece nas matérias que o jornal publica? Se sim, em que situações? A quem é destinado o brincar? A dimensão lúdica da Educação Infantil está relacionada com as matérias em que o brincar é evidenciado? São problematizações que norteiam a presente pesquisa, uma vez que aqui se compreende a importância da dimensão lúdica durante a infância.

O *Correio Braziliense* é um periódico que foi inaugurado junto com Brasília, um jornal que circula trazendo notícias para o povo brasiliense, que possui suporte nas principais redes sociais (*Twitter, Facebook, Instagram*), além do seu próprio sítio na internet. O objetivo aqui é analisar as matérias sobre o brincar, o lúdico, na sua relação com a Educação Infantil, observando como o tema é tratado e repassado ao público pelos autores das matérias, analisando seus conhecimentos sobre a área de pesquisa, no que se baseiam para falar sobre esses assuntos.

Em recente estudo, Luana de Mendonça (2019) analisa que espaços comparecem nas páginas do jornal *Correio Braziliense* como propício para a prática da contação de história, no Distrito Federal. Segundo a autora:

O jornal *Correio Braziliense*, demonstrou ser uma importante fonte de pesquisa, pois nele encontramos uma circulação de indicações aos pais e responsáveis de espaços, no Distrito Federal, onde ocorreriam momentos de contação de história, voltados para as crianças. A pesquisa revela os nomes dos espaços e os títulos das histórias contadas, todavia, para além disso, ela desvela um entendimento de que à criança devem ser destinadas práticas específicas e diferenciadas de leitura e escuta de histórias, considerando as características específicas do tempo da infância e, mais, que a criança é um sujeito histórico, de direitos. A criança é protagonista nesses espaços, é para ela que foram pensados, ainda que em caráter muitas vezes comercial, considerando as livrarias, shoppings, etc.(MENDONÇA, 2019, p.56).

A análise do referido trabalho permite aqui inferir as possibilidades de encontrar notícias específicas sobre o brincar na Educação Infantil, para

identificar como ele é conceituado e legitimado nas páginas que circulam em Brasília, bem como relacionar com a teoria investigada. Todavia, é pertinente ressaltar que, tal como pondera Maria Helena Capelato (1988), o uso do jornal como fonte não quer dizer considerá-lo como “fonte suspeita” ou enaltecê-lo como “repositório da verdade” (CAPELATO, 1988, p.21). Sua utilização tem que compreender uma análise contextualizada, evidenciando aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais, contrapondo com outros estudos, enfim, uma fonte que ajuda a uma compreensão maior (DARNTON, 1995). Neste caso, uma compreensão maior da circulação sobre o brincar na Educação Infantil e da importância que tem sido dada a ele no referido jornal.

Seguindo essa preocupação do uso do jornal como fonte para pesquisa e tendo o brincar em Brasília como foco, Etienne Baldez (2019) identifica os espaços destinados ao brincar na década de inauguração da capital do Brasil (1960). Segundo o observado pela autora, havia o entendimento de que alguns espaços públicos eram destinados ao brincar – parques, pilotis, espaço entre as quadras – e por isso deveriam sofrer manutenção do governo. Arelado à manutenção, estava a crescente observação de que brincar era importante e que as crianças tinham que ter suas necessidades supridas, principalmente na relação com a educação formal ministrada, destacando práticas regionais, nacionais e internacionais (BALDEZ, 2019). Às vésperas de completar seis décadas de inauguração, perceber como o brincar comparece agora discriminado, pode ser um profícuo campo de análise sobre essa prática na Educação Infantil.

A pesquisa foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN), na última década (2010/19), usando como palavras-chave: brincar, lúdico (com cinquenta ocorrências encontradas) e educação infantil (com cinco ocorrências). O brincar e o lúdico aparecem ligados a vários contextos – gastronômicos, diversão e arte, saúde, televisão (novelas), educação e na Educação Infantil –, com profissionais de diversas áreas comentando sobre o assunto. Aqui optou-se pela categorização da dimensão lúdica, trabalhando, portanto, com subitens focados na relação da criança com as brincadeiras e os brinquedos.

2.1. Brinquedos de ontem e de hoje: a importância de sua utilização

Em uma das matérias publicadas no jornal Correio Braziliense, o brincar aparece relacionado às características dos brinquedos da época dos pais, com os novos brinquedos e formas de brincar dos seus filhos, nos dias atuais, quando utilizam muito em suas brincadeiras brinquedos fabricados e que a cada dia são mais realistas. Nesse sentido, o jornalista entrevista três pessoas, sendo uma delas o fabricante dos brinquedos da marca Estrela, Aires Leal Fernandes. Esse fabricante pontua: “se o brinquedo não surpreender, não conquista o público infantil.” (CORREIO BRAZILIENSE, Evolução Divertida, 05/02/2010, p.18).

O posicionamento anterior pode ser relacionado com o que Walter Benjamin (1984) explica em seu livro: “(...) os adultos estão na verdade interpretando ao seu modo a sensibilidade infantil.” (BENJAMIN, 1984, p.69). Embora os brinquedos industrializados sejam feitos por adultos e pensados para as crianças utilizarem em suas brincadeiras, pode-se dizer que, de forma direcionada, as crianças conseguem reinventar e dar outro rumo para aquele objeto.

Hoje talvez podemos esperar uma superação efetiva desse equívoco fundamental, o qual acreditava erroneamente que o conteúdo imaginário do brinquedo determinava a brincadeira da criança, quando, na verdade, dá-se o contrário. (BENJAMIN, 1984 p.69).

Nesse sentido, ao afirmar-se uma necessidade de surpreender a criança para fazer com o que o brinquedo seja interessante para ela, demonstra não somente um modo do adulto considerar que sabe como uma criança pensa, como também como uma fala que desconsidera as diferentes possibilidades criativas da criança com os objetos e, mais ainda, aponta para uma discussão da criança como consumidora. Ainda na mesma entrevista, ocorreu a participação da professora de Psicologia da Universidade de Brasília, Sandra Eni Pereira, que faz uma crítica aos brinquedos industrializados na vida das crianças, concluindo que:

Companhia é fundamental, que faltam brinquedos que estimulam a coletividade porque comportamentos violentos podem estar associados ao individualismo. Então é importante

que os pais ofereçam oportunidades para que os filhos tenham mais tempo com outras crianças. Isso é fundamental para exercer a criatividade e o nível lúdico. (CORREIO BRAZILIENSE, Evolução Divertida, 05/02/2010, p.18).

Nesse momento, a relação somente com o brinquedo, com uma crítica específica a determinados que são individuais, pode ser entendida à luz do que Vygotsky (2010) escreve sobre a importância da interação, das experiências, das vivências que o ser humano trava ao longo da sua existência. A vivência como algo que se experimenta de modo indivisível, localizado, portanto, fora do indivíduo, mas que se relaciona intrinsecamente com a sua personalidade e como ela se constitui de acordo com as situações particulares vividas (VYGOTSKY, 2010).

Continuando na mesma matéria, a pedagoga Tatiana Fajó também foi entrevistada e demarca que:

(...) Os brinquedos de hoje são informatizados demais. Acho que falta um contato mais humano e menos individualista. Na minha época, como as bonecas não tinham todos esses recursos, procurávamos outras crianças para incrementar a brincadeira. (CORREIO BRAZILIENSE, Evolução Divertida, 05/02/2010, p.18)

Aproveitando as citações anteriores é possível complementar afirmando que não se podemos culpar os brinquedos pelo individualismo das crianças, nem por suas agressividades, pois, isso pode estar relacionado a vários outros fatores como, por exemplo, “crianças que vivem em ambientes perigosos repetem suas experiências de perigo em suas brincadeiras.” (BOMTEMPO, 1997 p.67) e que “idéias e ações adquiridas pelas crianças provêm do mundo social, incluindo a família e o seu círculo de relacionamento (...)”. (KISHIMOTO, 1997 p. 39).

O jornal termina com a fala de Aires Leal Fernandes onde ele diz que “não dá para saber qual época era mais divertida. As crianças de antigamente se divertiam tanto quanto as de hoje, cada um à sua maneira.” E depois se complementa: “os brinquedos e estilos de brincar acompanham as tecnologias, os avanços da sociedade e as respectivas representações culturais.” (CORREIO BRAZILIENSE, Evolução Divertida, 05/02/2010, p.18). Geralmente,

quando lançamos o olhar para o passado, corre-se o risco de olhar com esperanças de quem gostaria de poder alcançá-lo e realizá-lo. (BENJAMIN, 1985). Nesse sentido, quando Aires Leal Fernandes retoma as continuidades do brincar à luz do contexto contemporâneo, não no sentido de comparações piores ou melhores, reforça que o brincar deve ser entendido diante das possibilidades que ele dá no período em que é realizado e com os materiais que lhe são disponíveis naquele momento. Nos interessa aquilo que o brincar proporciona e não somente as formas que era feito no passado. Que representações atuais ele permite? Como as crianças reformularam brincadeiras antigas? São questões que nos permitem compreender a cultura lúdica.

Uma matéria que o Correio Braziliense fez em 13 agosto de 2011, com tema “Brincadeiras Antigas” trata sobre uma peça de teatro do grupo Malastartes, que veio de Curitiba apresentar “Os aprendizes de um ateliê de brinquedos”, onde promoviam um encontro lúdico das crianças com o ofício do artesão de brinquedos antigos. O objetivo do grupo era de resgatar a essência do que é ser criança por meio de brincadeiras, procurando despertar ludicidade, oralidade, gestualidade e musicalidade no universo infantil. Os alunos de São Sebastião, cidade satélite de Brasília tiveram essa oportunidade de interagir, aprender e conhecer um pouco sobre a criação de alguns brinquedos. Os atores entrevistados valorizam esse momento de criação, pois eles se lembram de suas infâncias, quando confeccionavam alguns brinquedos para si com coisas simples. Basta deixar, dar oportunidade, para que as crianças usem da sua criatividade e criem e recriem novos brinquedos e assim novas brincadeiras.

O brinquedo é um instrumento que dá suporte para a brincadeira, portanto o brinquedo sozinho não é brincadeira, e não é necessário ter um brinquedo sofisticado para se brincar, pois a criança pode utilizar sua imaginação para utilizar materiais que para alguns seriam insignificantes da qual ela utiliza seu poder de criação e faz a brincadeira acontecer. (TORRES, 2016 p. 34).

“Uma aprendizagem divertida” é o tema da matéria que versa sobre os jogos educativos da atualidade tecnológica. “Jogos educativos podem ser um complemento para aprendizado, mas não devem substituir livros e brincadeiras

do dia a dia.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Segundo Kishimoto (1997), o brinquedo educativo é “como um recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa (KISHIMOTO, 1997 p. 36). No confronto do que a autora pontua e a matéria reforça, os jogos educativos, se foram tomados como ação prazerosa, realmente podem divertir, ensinar e educar, como a própria classificação deles já delimita. Todavia, é claro que os outros elementos que compõem a dimensão lúdica não podem ser deixados de lado na prática pedagógica.

Em um artigo publicado na Anped, sobre jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias móveis na educação infantil, tomando o depoimento das crianças, Juliana Costa Muller (2015) demonstra a necessidade das crianças em ter contato com essas tecnologias. “A criança de hoje é diferente da criança que fomos. Ela pede para fazer uso das tecnologias e manifesta seu poder de autoria diante das diferentes ferramentas de produção e expressão.” (MULLER, 2015 p. 5). O que a autora reforça no seu estudo coaduna com outra matéria publicada no jornal Correio Braziliense, que mostra a foto de uma criança de dois anos brincando com jogo educativo no celular.

(...) Pela tela do celular, ela também aprende cores e os números. Foi assim desde a época em que engatinhava, antes mesmo de entrar na escola. Hoje os jogos educativos se tornaram um complemento para os livros, que enchem a estante da casa, e para o que é ensinado pelas professoras da escola. (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida, 28/09/2019 s/p).

Podemos associar esse trecho do jornal com o que escreve Kishimoto sobre o jogo infantil: “a inclusão do jogo infantil nas propostas pedagógicas remete-nos para a necessidade de seu estudo nos tempos atuais. A importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição do símbolo. (...)” (KISHIMOTO, 1997 p. 39). A mãe da menina que aparece na matéria aqui elencada reforça que “os jogos não substituem o aprendizado em sala de aula e muito menos os livros, que ela faz questão de incluir na rotina da menina”. E a matéria prossegue: “mas confessa que as brincadeiras têm contribuído para o desenvolvimento da filha.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019).

Ainda sobre o trecho anterior, citado do jornal, há o reforço de que “hoje os jogos educativos se tornaram um complemento para os livros, que enchem a estante da casa, e para o que é ensinado pelas professoras da escola” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Essa afirmativa nos leva a questionar: realmente os livros “enchem a estante da casa” das crianças? Ou melhor, talvez devêssemos perguntar: de que criança a matéria se remete? Só da pequena de dois anos que aparece identificada? Mas, uma coisa não se pode negar: realmente os livros têm um valor grande para a educação das crianças, para a aquisição de novos saberes e criação do imaginário. Como demarca Walter Benjamin (1984):

(...) Nesse mundo permeável, adornado de cores, onde a cada passo as coisas mudam de lugar a criança é recebida como companheira. Fantasiada, com todas as cores que capta lendo e vendo, a criança entra no meio de uma mascarada e também participa dela. Lendo pois encontraram-se as palavras adequadas a esse baile de máscaras, as quais revolteiam confusamente no meio da brincadeira como sonoros flocos de neve. (BENJAMIN, 1984 p. 55).

Lizandra Huhn, mãe da pequena criança que aparece no jornal e também professora, repara o desenvolvimento e como a filha aprende brincando, “eles (os jogos educativos) despertam nela o gosto pelo aprender, pelo que a agrada e que está dentro da era em que vivemos, a era digital.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). De acordo com Kishimoto (1997):

Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (KISHIMOTO 1997, p. 37).

Para fundamentar sua matéria, o Correio Braziliense também foi visitar a Escola Americana Brasileira, para saber mais sobre como eles utilizam as tecnologias para ensinar seus alunos, “o uso do celular é proibido em sala de aula, mas tablets tem sido usados como ferramentas de aprendizagem nas classes de crianças menores.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem

divertida. 28/09/2019). Segundo Muller (2015), “dependendo da idade da criança, o computador pode ser visto como um brinquedo ou um espaço para sua brincadeira, que também possibilita a manifestação de suas linguagens.” (Muller, 2015 p. 6).

Brian Sullivan, diretor de tecnologia na Escola Americana Brasileira, diz que “aplicativos para séries inferiores geralmente possuem uma estrutura de jogo, onde alunos são desafiados a identificar determinadas palavras ou objetos, formar números e letras corretamente, realizar cálculos simples, entre outros.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Muller (2015) afirma que:

Com o intuito de contribuir e não acelerar o desenvolvimento da criança, o computador como artefato tecnológico pode ser compreendido igualmente como uma manifestação cultural e seu uso pode estar pautado na criticidade em relação à mídia. (MULLER, 2015 p. 06).

É possível relacionar a fala do diretor de tecnologia com o que Kishimoto (1997) explicita:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educar está potencializando as situações de aprendizagem. (KISHIMOTO, 1997 p. 36)

Ao ser entrevistada sobre esse assunto, Dayse Serra, que é psicopedagoga. deixa sua opinião ao Correio Braziliense, “as tecnologias possibilitam as crianças desenvolverem em diversas habilidades, que talvez não seriam feitas apenas com o quadro, o giz e o caderno.”(CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Segundo Kishimoto (1997):

(...) Os conteúdos veiculados durante as brincadeiras infantis bem como os temas de brincadeiras, os materiais para brincar, as oportunidades para interações sociais e o tempo disponível são todos fatores que dependem basicamente do currículo proposto pela escola. (KISHIMOTO 1997, p.39).

A psicopedagoga faz um alerta sobre o uso exagerado dos jogos educativos que, ao mesmo tempo em que tem seu lado positivo, não se pode exagerar, para não afetar outras áreas do desenvolvimento da criança, como também de jovens e adultos. “Ao mesmo tempo que você tem uma criança mais atenta, mais esperta, por outro lado, essa criança vai ter perdas nas habilidades sociais, por estar acostumada a brincar sozinha.” Logo depois, a psicopedagoga reforça: “os jogos e vídeos não podem ocupar a maioria do tempo das crianças. Os livros são fundamentais para o desenvolvimento e o contato com ele deve começar ainda nos primeiros meses de vida.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Sobre a questão de o livro infantil ser importante, Walter Benjamin (1984) confirma que “através da ostensiva exortação à descrição de seu conteúdo, essas ilustrações despertam na criança a palavra. Mas descrevendo as imagens com palavras, a criança “descreve-as” de fato, com rabiscos.” (BENJAMIN, 1984 p. 56). Nesse sentido, a permanência do contato das crianças, desde a mais tenra idade com os livros e com materiais que a permitam formas de se expressar, contribui para o seu desenvolvimento.

Em meio a tanta tecnologia e novidade nos dias atuais a psicopedagoga Dayse Serra afirma que “não podemos negar que o bebê do século 21 é diferente. Antigamente, quando uma criança chorava, os pais entregavam um chocalho, hoje em dia, a gente entrega o celular.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Ainda em entrevista Dayse diz que os pais devem dar exemplo também, “pois quando se trata de celular, os adultos também têm dificuldades para controlar o uso.” “Assim como na vida das crianças, os livros e os momentos de socialização devem estar presentes na vida dos pais.” (CORREIO BRAZILIENSE, Uma aprendizagem divertida. 28/09/2019). Concluimos a análise dessa matéria com Kishimoto (1997), “toda conduta do ser humano, incluindo suas brincadeiras, é construída como resultado de processos sociais.” (KISHIMOTO, 1997 p.33).

2.2. Alfabetizar e letrar com ludicidade

O brincar e o lúdico comparecem, em uma primeira reportagem, relacionado à questão da alfabetização e letramento, onde o Correio Braziliense entrevista a professora de pedagogia da Universidade de Brasília, Norma Lúcia Neris Queiroz que faz uma crítica ao método fônico, dizendo que pode ser complicado para algumas crianças e dando dicas de outros métodos que o professor pode utilizar.

A professora afirma que “iniciar a alfabetização utilizando textos interessantes para os alunos pode ser uma forma de melhorar a qualidade da aprendizagem”, diz ainda que “não pode ser uma publicação comum de cartilha. É preciso escolher uma parlenda, uma fábula, algo com o que as crianças possam brincar.” (CORREIO BRAZILIENSE, Afinal, como ensina o abc?, 27/11/11, p.34) Outro ponto que eles tocam é do letramento onde “a perspectiva do letramento defende o uso de textos lúdicos na educação infantil, mesmo antes da alfabetização. O objetivo é que o aluno se familiarize com as práticas de leitura e de escrita num processo de aprendizado contínuo.” (CORREIO BRAZILIENSE, Afinal, como ensina o abc?, 27/11/11, p.34).

A questão da alfabetização na Educação Infantil tem sido muito debatida, não somente nas orientações das Secretarias de Educação como também nos estudos acadêmicos da área. É possível apontar que alfabetização e letramento, apesar de conceituados distintamente – o primeiro como apropriação do código e o segundo como os usos, sentidos e significados que dessa apropriação se faz – são processos que andam juntos. (SOARES, 2004). Sobre a relação com a literatura infantil, feita pela professora Norma Lúcia Queiroz, é possível retomar os escritos de Walter Benjamin (1984), quando diz:

(...) Mas descrevendo as imagens com palavras, a criança “descreva-as” de fato, com rabiscos. Ao contrário de toda superfície colorida, a dessas ilustrações é apenas sugerida e, por isso, dá asas à imaginação. (...) Aprende com as ilustrações ao mesmo tempo a língua e a escrita: hieróglifos. (BENJAMIN, 1984 p. 56).

Outra crítica que a professora faz é “a forma como a formação dos professores é deficiente e que isso influencia diretamente o desempenho dos alunos”. (CORREIO BRAZILIENSE, Afinal, como ensina o abc?, 27/11/11,

p.34). Mesmo concluindo a graduação, é necessário que o docente continue buscando novas aprendizagens, mantendo-se atualizado sobre as questões pertinentes a sua área de atuação pois, o professor está sempre em formação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais

Além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação. O conteúdo e a metodologia para essa formação precisam ser revistos para que haja possibilidade de melhoria do ensino. A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa. Investir no desenvolvimento profissional dos professores é também intervir em suas reais condições de trabalho. (PCN, 1997 p. 25).

Associando com a citação acima, o trecho abaixo, retirado do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade de Brasília, do curso de Pedagogia, conclui que:

(...) para que o professor tenha como forma didática visando o desenvolvimento dos seus alunos é necessário que o processo de formação desse professor seja no intuito de que o mesmo continue estudando, fazendo novos cursos de aprimoramento, aprendendo novas práticas e métodos, para que através dessa formação libertadora proporcionem um processo reflexivo e crítico sobre sua prática docente, e como consequência este mesmo professor que é formado com esse pensamento crítico e reflexivo propiciará aos seus alunos formas de aprendizagens críticas, do qual as suas práticas e métodos estão voltadas para que esse aluno se torne um sujeito crítico/reflexivo. (TORRES, 2016. p.30).

É possível indicar que a discussão das possibilidades de uso da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento passa, indelévelmente, pela formação do profissional. Todavia, a publicação de uma matéria tratando de alfabetização e letramento, relacionado à Educação Infantil, pode informar ao leitor, não acostumado às pautas acadêmicas sobre esse tema, de que é nessa etapa da educação básica que se alfabetiza formalmente a criança, mesmo que seja com atividades lúdicas ou com literatura infantil.

2.3. Brincadeiras são importantes

“Brincar é aprender” foi o título escolhido pelo correio brasileiro para sua matéria sobre jogos lúdicos nas escolas, “jogos lúdicos oferecem inúmeros ganhos no desenvolvimento da criança. Escolas investem em profissionais capacitados e sugerem organização aos pais.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35).

Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas pelo ritmo de versinhos. Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final. (BENJAMIN, 1984 p.75).

Nessa reportagem sobre o brincar, o Correio Brasileiro enfatiza bastante os benefícios que a brincadeira pode trazer como, “a capacidade de lidar com desafios, socializar com outros alunos, encarar falhas, desenvolver oratória e concentração são qualidades que pais buscam para os filhos e que escolas alcançam com uma tática eficiente: brincando.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35).

Na entrevista feita na escola onde Maria Cristina é coordenadora da educação infantil, o Correio Brasileiro ressalta que “o colégio em que trabalha pauta atividades no brincar para a construção de vínculos afetivos, autonomia e de pensamento da criança.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35). Podemos relacionar aqui Piaget quando diz que, “o brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada.” (BOMTEMPO 1997, apud. Piaget. p.64).

A coordenadora Maria Cristina em relação a aprender brincando diz que com isso “conseguimos, então, favorecer o desenvolvimento para que ela resolva conflitos, alivie tensões e construa conceitos para aplicar no seu dia-a-dia.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35). No livro *jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* de Kishimoto, Edda Bomtempo cita Bettelheim 1988, quando ele fala que “as crianças são capazes de lidar

com complexas dificuldades psicológicas através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, medo e perda (...)” (BOMTEMPO,1997 p.67).

O autor dessa matéria entrevista o Lino de Macedo autor do livro *os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*, onde ele afirma “É por meio dos jogos lúdicos, fazendo de conta, recriando cenários e imagens que a criança entra em contato com o conhecimento.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35) Podemos associar a fala do autor do livro com um trecho de Bomtempo quando diz “(...) A ênfase é dada à “simulação” ou faz-de-conta cuja importância é ressaltada por pesquisas que mostram sua eficácia para promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social da criança.” (BOMTEMPO 1997, p.58).

Lino de Macedo ainda diz que “os jogos se tornam desafios e as permite tomar melhores decisões, aprender com os erros, respeito ao oponente e a observar movimentos dos outros adversários.” (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35). Em outros tempos os jogos ou o jogo não eram vistos como algo relevante, importante, segundo Kishimoto “em tempos passados, o jogo era visto como inútil, como coisa não-séria. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece como algo sério e destinado a educar a criança.” (KISHIMOTO 1997, p.17). Fechando a entrevista com o escritor Lino de Macedo, ele assegura que:

Os meninos constroem um outro modo de ver o processo de aprendizagem. Por intermédio de prática desse jogo eles podem identificar, comparar, relacionar, reunir, compartilhar pontos de vista. Não basta mais pensar aprendizagem só na perspectiva de conteúdo de sala, mas também da prática. (CORREIO BRAZILIENSE, Brincar é aprender. 26/10/2012 p.34-35).

Devemos pensar mais meios lúdicos quando formos ensinar algo para as crianças, pois para elas é mais prazeroso aprender brincando. As crianças demonstram interesse e se satisfazem enquanto brincam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter sempre trabalhado com a Educação Infantil e tendo o privilégio de acompanhar o desenvolvimento das crianças nas instituições de ensino, a evolução sócio educativa ao final do ano, é algo prazeroso. Poder atrelar o estudo acadêmico com as matérias do jornal que tratam dessa etapa da educação básica, foi importante para a minha formação.

No curso de Pedagogia temos a oportunidade de entender melhor esse processo que ocorre na primeira infância e compreender a real importância que os momentos lúdicos, de brincar e interagir com o outro tem para o crescimento coletivo e individual da criança. Compreendemos também o quão importante é a função do educador como mediador/facilitador nesse processo de aprendizagem, para a construção do conhecimento.

Neste trabalho, o objetivo foi identificar e analisar como o brincar comparece nas matérias publicadas no jornal Correio Braziliense. Em paralelo, foi possível estudar os direitos da criança, entender que ela é um sujeito histórico e de direito, por meio dos documentos normatizadores e dos estudos acadêmicos aqui contemplados. Compreendendo melhor o papel do brinquedo, da brincadeira, de jogos educativos no processo de desenvolvimento da criança. E também observar que outros cursos e outros profissionais, fora da área da educação, têm se preocupado com a questão do lúdico para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico da criança.

Os profissionais na área de Educação Infantil precisam ter essa base teórica sobre o brincar, temos poucos trabalhos publicados sobre o lúdico na educação infantil ainda que esse tema esteja bem presente na vida dos professores. Como afirma Marina Célia Moraes Dias “é preciso resgatar o direito da criança a uma educação que respeite seu processo de construção do pensamento, que lhe permita desenvolver-se nas linguagens expressivas do jogo, do desenho e da música.” (Dias, 1997 p. 54).

Ao analisar o jornal Correio Braziliense observou-se que, apesar de algumas matérias esclarecerem muito bem a importância do brincar, do lúdico na educação infantil ou na vida da criança, ainda são poucas as reportagens que abordassem essa questão relacionada às práticas docentes ou às instituições públicas de educação da criança pequena no Distrito Federal.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana, 2014.

ANDRADE, Mara Carolina do Nascimento. A brincadeira protagonizada da criança pequena na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia: UnB, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19049/1/2017_MaraCarolinadoNascimentoAndrade.pdf>. Acesso: novembro de 2019.

BALDEZ, Etienne. O brincar na metrópole planejada (Brasília, 1960). In: II Congresso de Estudos da Infância: politizações e estesias. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. [tradução de Marcus Vinicius Mazzari; direção da coleção Fanny Abramovich]. – São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOM, Francine Costa de. O jogo protagonizado infantil como um ato artístico em sala de aula: uma abordagem vigotskiana. 38ª *Reunião Nacional da ANPEd*, São Luís – MA, 2017.

BRAGAGNOLO, Regina Ingrid. RIVERO, Andrea Simões. WAGNER, Zaira T. Entre meninos e meninas, lobos, carrinhos e bonecas: a brincadeira em um contexto da educação infantil. 36ª *Reunião Nacional da ANPEd*, Goiânia-GO, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Promulgada em Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 26 out. 2019.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>> Acesso em: 04 dez. 2019

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 2017. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf> Acessado em: 04 dez. 2019

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL, *Marco Legal da Primeira Infância*, 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/programas/primeira-infancia/pdf-arquivos/avancos-do-marco-legal-da-primeira-infancia>>. Acesso em: 01 nov. 2019

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2019

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: *O brincar e suas teorias*. Tizukp M. Kishimoto (org). São Paulo: Cengage Learning, 2008b.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 2008a.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CORREIO BRAZILIENSE, *Jornal com alma brasiliense a história do correio e da capital*, 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/09/08/interna_cidadesdf,781310/jornal-com-alma-brasiliense-a-historia-do-correio-e-da-capital.shtml> acesso em: dezembro de 2019

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

DARNTON, Robert. *O beijo D’Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIAS, Adelaide Alves. MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. Tia, posso pegar um brinquedo? A ação das crianças no contexto da pedagogia do controle. 37^a *Reunião Nacional da ANPEd*, Florianópolis, 2015.

KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e educação*. São Paulo: Cortez, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko M. *O Jogo e a Educação Infantil*. São Paulo: Pioneira, 1994.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. As crianças que brincam são as mesmas que aprendem brincando. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 83-86, abr. 2018. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/367>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MENDONÇA, Luana Tiussi de. Nas páginas do jornal “Correio Braziliense”: os espaços de contação de história (DF/2019). Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia: UnB, 2019.

MULLER, Juliana Costa. Jogos e brincadeiras com o uso das tecnologias móveis na educação infantil: o que as crianças têm a nos dizer? *37ª Reunião Nacional da ANPEd*, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PRAÇA, Fabiola S. G. Pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o Trabalho de Conclusão08, nº 1, p. 72-87, JAN-JUL, 2015. Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos” (ISSN: 0486-6266) <<http://www.uniesp.edu.br/fnsa/revista>>. Acessado em 11/11/2019.

RAMOS, Rosemary Lacerda. Um estudo sobre o brincar infantil na formação de professores de crianças de 0 a 6 anos. *23ª Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu, 2000.

RIVEIRO, Andréa Simões. ROCHA, Eloísa Acires Candal. O brincar e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. *38ª Reunião Nacional da ANPEd*, São Luís – MA, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, nº25, jan/fev/mar/abr., 2004.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. A mediação de uma professora de educação infantil nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças ribeirinhas, *35º Reunião Anual da ANPEd*, Porto de Galinhas, PE, 2012.

TORRES, Ana Cristina da Silva Oliveira. A importância do lúdico no processo de ensino/aprendizagem: experiência com crianças. Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia, Brasília, UnB, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19087/1/2016_AnaCristinaTorres_tcc.pdf>. Acesso em: novembro de 2019.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. A questão do meio na pedagogia. M. P. Vinha, trad. Trabalho original publicado em 1935. *Psicologia USP*, 21(4)., 2010.

WAJSKOP. Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Vigotsky. 5. Ed. São Paulo. Pioneira, 2009.